**ESCOLA BÁSICA 1,2,3/JI FRANCISCO ORNELAS DA CÂMARA**

# PROJECTO

# DE

# EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

**2.º e 3.º Ciclos**

*PRAIA DA VITÓRIA, JANEIRO DE 2003*

# ÍNDICE


1. Introdução ..... 3

2. Enquadramento legal existente ..... 4

3. Quadro ético orientador ..... 5

4. A Educação para a Sexualidade no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico ..... 6

5. A Educação para a Sexualidade e o imperativo da articulação com as famílias ..... 9

6. Objectivos ..... 11

7. Competências Gerais ..... 13

8. Conteúdos ..... 14

9. Metodologia e Estratégias ..... 17

10. Bibliografia ..... 22

**ANEXO I** Legislação e Declarações Oficiais sobre Educação Sexual nas Escolas ..... 23

**ANEXO II** Recursos disponíveis na Escola ..... 27

**ANEXO III** Contactos e Apoios Institucionais ..... 30

**ANEXO IV** Dias Mundiais ..... 32

# 1. Introdução

O presente projecto surge, por um lado, da necessidade de dar cumprimento à lei 120/99 que preconiza a implementação da educação sexual nos estabelecimentos dos ensinos básico e secundário, mediante um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana e, por outro, à receptividade e manifesto interesse que os alunos foram revelando pela educação sexual, no decurso da implementação, em anos anteriores, de pequenos projectos restritos a algumas turmas. Considerou-se ainda que a educação sexual em meio escolar seria uma oportunidade de responder aos apelos dos pais que temem os riscos da maternidade e paternidade precoces e das doenças sexualmente transmissíveis.

Trata-se de um projecto fundamentado na reflexão, de um grupo de professores, sobre as "Linhas Orientadoras" da Educação Sexual em Meio Escolar, emanadas pelo Ministério da Educação, e nele figuram as competências gerais do ensino básico, objectivos, conteúdos, metodologias, estratégias e propostas de actividades.

Com este projecto pretende-se contribuir, ainda que parcialmente, para uma vivência mais informada, mais autónoma e, logo, mais responsável da sexualidade na esfera dos conhecimentos, sentimentos, atitudes e competências.

O projecto em curso deverá conduzir à implementação da educação sexual na escola, mediante uma abordagem transversal às diversas disciplinas, da responsabilidade de cada conselho de turma que articulará as planificações das várias áreas disciplinares e não disciplinares, numa perspectiva interdisciplinar.

Para a implementação deste projecto poder-se-á contar com diversos recursos humanos e materiais existentes nesta escola, nomeadamente: professores que fizeram formação contínua no âmbito da Educação Sexual, outros que já realizaram alguns trabalhos nesta área e, ainda, com o Centro de Recursos. Constituem recursos igualmente significativos o Centro de Saúde da Praia da Vitória e a Delegação dos Açores da Associação para o Planeamento da Família (APF) com sede em Angra do Heroísmo.

## 1. Enquadramento legal existente

Hoje em dia, as escolas dispõem de um enquadramento legal relativamente claro, para a promoção da educação sexual.

A educação sexual foi objecto de diversos documentos legais tais como:

**. a Lei 3/84 - Direito à Educação Sexual e Planeamento Familiar;**

**. o DL 46/86 - Lei de Bases do Sistema Educativo (1986);**

**. o DL 115A/98 - Regime de Autonomia das Escolas;**

**. a Lei 120/99 - Reforço das Garantias do Direito à Saúde Reprodutiva;**

**. o DL6/01 - Reorganização Curricular;**

**• o DL 7/01 - Revisão Curricular.**

**Observação:** ver Anexo I

## 2. Quadro ético orientador

A sexualidade e a afectividade são componentes essenciais da intimidade e das relações interpessoais.

A sociedade em que vivemos é uma sociedade plural em que coexistem, sobre estas matérias, valores muito diversos.

A intervenção profissional deve ter uma referência ética simultaneamente clara, abrangente do pluralismo moral e promotora do debate de ideias e valores.

Neste sentido, são valores orientadores da educação sexual:

- o reconhecimento de que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes responsáveis no relacionamento sexual;
- o reconhecimento de que a sexualidade é uma fonte de prazer físico/afectivo e comunicação, uma potencial fonte de vida e uma componente positiva de realização pessoal e das relações interpessoais;
- a valorização das diferentes expressões da sexualidade ao longo do ciclo de vida;
- o reconhecimento da importância da comunicação e do envolvimento afectivo e amoroso na vivência da sexualidade;
- a promoção de direitos e oportunidades entre homens e mulheres;
- a recusa de expressões da sexualidade que envolvam violência ou coacção, ou envolvam relações pessoais de dominação e de exploração;
- a respeito pelo direito à diferença e pela pessoa do outro, nomeadamente os seus valores, a sua orientação sexual e as suas características físicas;
- o reconhecimento do direito a uma maternidade e paternidade livres, conscientes e responsáveis;
- a promoção da saúde dos indivíduos e dos casais, nas esferas sexual e reprodutiva.

## 3. A Educação para a Sexualidade no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico

Os 2º e 3º Cicios do Ensino Básico abrangem períodos distintos de evolução da sexualidade dos jovens e do seu desenvolvimento global, caracterizados por mudanças rápidas e em ritmos muito diferenciados de jovem para jovem. As acções de Educação Sexual devem, pois, ter em conta o facto de envolverem populações muito heterogéneas em termos de desenvolvimento, dúvidas, preocupações e respostas emocionais.

Da mesma forma, as disparidades quanto a contextos de vida, familiares, económicos ou sócio-culturais, devem ser tomadas em consideração quando se trabalha neste domínio.

Embora de delimitação pouco definida, é possível considerar três períodos ou estádios no desenvolvimento sexual durante a segunda década da vida. Um primeiro, que acontece, com maior frequência, até cerca dos doze anos, em que uma parte significativa dos jovens não iniciou, ainda, as transformações pubertárias mais evidentes (aceleração brusca do crescimento, acentuação dos caracteres sexuais secundários, menarca, primeiras ejaculações); uma segunda fase, mais frequente por volta dos treze/catorze anos, em que os fenómenos pubertários cursam de forma mais exuberante e rápida, numa parte significativa dos jovens; um terceiro período, a partir dos catorze/quinze anos, em que a transformação corporal pubertária desacelera e em que se acentuam quer os sentimentos e a procura da autonomia face aos adultos, quer a experimentação de relações amorosas e, para uma parte dos jovens, de relações sexuais coitais.

Realce-se, contudo, que a cronologia apontada não é semelhante entre os sexos; de forma genérica, considera-se que os fenómenos pubertários na rapariga ocorrem, em média, cerca de um ano e meio mais cedo do que os equivalentes no sexo masculino.

Em termos escolares, a primeira situação acima descrita é mais frequente no 2º Ciclo e as duas outras tendem a ocorrer a partir do 3ºCiclo.

Na **primeira fase**, caracterizada por uma relativa estabilidade emocional e pelos primeiros sinais pubertários, ocorre, a nível intelectual, um processo de evolução rápida das capacidades de construir raciocínios abstractos, de poder de reflexão, de construção teórica e de armazenamento de conhecimentos.

Na esfera individual, no domínio da intimidade, assiste-se frequentemente ao desenvolvimento de sentimentos mais ou menos novos de pudor e vergonha face ao corpo.

Nestas idades, a actividade masturbatória constitui, também, uma prática frequente. A nível relacional, os adolescentes formam, muitas vezes, grupos monossexuais nos quais se processa um jogo ambivalente de provocação e sedução entre rapazes e raparigas, de paixões escondidas por um aparente afastamento, desdém e troça.

Basicamente, em termos de necessidades de informação, os jovens interessam-se por uma multiplicidade de temas, incluindo a área da sexualidade. Existe uma vontade intensa de «saber tudo», não tanto porque estas dúvidas estejam ligadas à sua vivência pessoal, mas, muito provavelmente, porque são mais capazes de questionar e de ter curiosidade sobre o mundo, em particular sobre o dos adultos. É, ainda, esta curiosidade que predomina e que se expressa através de perguntas sobre a reprodução e a vida amorosa e sexual, nomeadamente a partir da eleição de ídolos ou de outras pessoas mais velhas que funcionam como modelos para os jovens.

Na **segunda fase**, todos estes sentimentos se acentuam, mas misturados, agora, com as transformações biológicas e emocionais da puberdade, como o aparecimento da menstruação ou das primeiras ejaculações, o crescimento físico e um acentuado aumento do desejo sexual e das sensações eróticas.

Nesta fase é, portanto, natural que os jovens tenham mais dúvidas sobre as mudanças que lhes estão a acontecer e não somente sobre as coisas que percepcionam à sua volta, nos contextos familiar, escolar e social. Estas dúvidas podem assumir a forma de sentimentos de perplexidade e preocupação face ao corpo em mudança (elegância, beleza, acne, etc.), de comparação com os outros jovens e de timidez e insegurança.

A nível relacional, esta fase é acompanhada de mudanças na relação com os adultos, significativos e com os outros jovens. Quanto aos adultos significativos, a maior capacidade de fazer juízos morais e um maior desejo e uma necessidade de autonomia manifestam-se frequentemente num aumento da conflitualidade em torno das questões de disciplina, da liberdade para sair, das férias e, em alguns casos, dos problemas relacionados com a escola. Frequentemente, também os pais podem experimentar novas dificuldades em gerir esta etapa de desenvolvimento dos filhos.

Começa, agora, a ser quebrada a monossexualidade tendencial dos grupos de pares; as paixões, antes escondidas, começam a ser declaradas e, algumas, a concretizar-se nas primeiras relações amorosas. Muitos jovens começam a experimentar os sucessos, insu-

cessos e dificuldades na esfera amorosa, assim como podem consolidar positiva ou negativamente a auto-estima e a autoconfiança.

Muitas vezes, a acentuação do desejo sexual e das sensações eróticas não tem o mesmo objecto das relações amorosas. Centra-se mais na exploração do corpo, nas fantasias, no culto e atracção pelos ídolos e menos numa actividade sexual com eventuais parceiros amorosos reais. Assim, nesta fase, o comportamento sexual mais frequente é a masturbação e, eventualmente, as carícias mútuas sem penetração. Mas, nalguns casos, podem ocorrer relações sexuais quer no contexto de relações amorosas, quer em contextos ocasionais.

A **terceira fase**, mais frequente no final do 3º Cicio, é, fundamentalmente, caracterizada por um aumento da ocorrência do relacionamento amoroso e sexual. «A ambivalência característica da fase anterior tende a desaparecer, para dar lugar a uma explicitação mais clara das preferências sexuais, quer em termos da orientação do desejo (hetero, homo ou bissexual), quer em termos da escolha de parceiros ou parceiras....».

Nesta fase, numa parcela significativa dos jovens embora, segundo os estudos disponíveis, ainda não maioritária os objectos de desejo amoroso e sexual tendem a coincidir, assim como a ocorrência de relações sexuais. Esta vivência da sexualidade é, muitas vezes, pautada pelas sensações de experimentação e de risco, o que dificulta, em muitos casos, a adopção de práticas preventivas, nomeadamente no plano das gravidezes não desejadas e das ITS (Infecções Transmitidas Sexualmente). Outro comportamento que pode acentuar-se é o da prática da masturbação.

As necessidades de informação tendem a centrar-se na própria vivência afectiva e sexual, nas preocupações e dúvidas sobre si próprios, sobre as relações com os outros, numa busca de identidade pessoal e de consolidação de atitudes e valores.

Acompanhando estes três tipos de situações, ou, se quisermos, estas três etapas de desenvolvimento, a vivência da identidade de género sofrerá, também, evolução, não em termos de sentido de pertença a um sexo biológico mas sim em termos dos conteúdos, ou seja, dos papéis de género, do que é ser-se rapaz ou rapariga, de como comportar-se em termos amorosos, sexuais e sociais. Neste sentido, esta componente da construção da identidade pessoal e sexual é também um campo de necessidades e dúvidas, que é importante considerar.

## 4. A Educação para a Sexualidade e o imperativo da articulação com as famílias

Estando em causa o desenvolvimento e o bem-estar dos seus filhos e educandos, a família não deverá ser mantida em estado de dúvida ou desconfiança relativamente às iniciativas tomadas pelos professores ou pela escola no seu todo. Para o projecto escolar, a difusão da informação acerca das actividades escolares deverá ser entendida como uma premissa básica.

Havendo acordo que, no processo educativo, a articulação escola-família é sempre desejável e fundamental, no caso da Educação para a Sexualidade das crianças e dos jovens não há que criar excepção. Convirá, portanto, identificar estratégias diversas que possam orientar ou auxiliar ambas as partes nessa pretensão.

Os receios dos pais e encarregados de educação prendem-se normalmente com o desconhecimento ou a dificuldade em entender, de forma clara, as finalidades e o processo de uma acção ou de um programa de Educação para a Sexualidade. Evitar receios ou dúvidas que, por vezes, os pais e encarregados de educação exprimem quando se suscitam conversas ou debates sobre este tema: que a aquisição de conhecimentos sobre a sexualidade possa aumentar as suas tentativas de experimentação de comportamentos sexuais; que nas acções de Educação para a Sexualidade se inclua o ensino de práticas sexuais; que o mais importante deve ser a prevenção das infecções de transmissão sexual e da gravidez não planeada, sobretudo em adolescentes.

Não é possível negligenciar, nesta matéria, a eventual ocorrência de situações de discordância de opiniões entre pais, professores e outros profissionais que participam em programas de Educação para a Sexualidade na escola. Algumas dessas situações tendem a ter por base diferenças nos posicionamentos ideológicos, por exemplo, de cariz cultural e/ou religioso. No entanto, colocando os interesses dos alunos em primazia, a procura de consenso entre as perspectivas é imprescindível, para que não se provoque a paralisia absoluta das iniciativas que visam interesses individuais e colectivos amplamente justificados.

Salvaguarda-se, desse modo, o direito de cada aluno e de cada família poder estabelecer, a par daqueles que o Sistema Educativo assume e difunde, os seus próprios entendimentos e juízos morais acerca dos vários temas relacionados com a sexualidade.

Neste contexto, a articulação escola-famílias é imprescindível e cumpre, pelo menos, os seguintes objectivos:

- *garantir e promover a participação das famílias no processo educativo dos seus filhos e educandos;*
- *encontrar formas de rentabilização e de continuidade das intenções educativas da escola no âmbito da sexualidade;*
- *valorizar as iniciativas de país - organizados ou não em Associação - neste domínio, por exemplo, a realização de encontros, debates e cursos;*
- *impedir ou evitar que em tomo das actividades de Educação para a Sexualidade explícita, desenvolvidas na escola, se criem entendimentos ou receios infundados acerca da finalidade e dos efeitos dessas actividades.*

Para participar em actividades de Educação para a Sexualidade com envolvimento das famílias, os professores e outros profissionais interessados, assim como os elementos das Associações de Pais e Encarregados de Educação, necessitam clarificar previamente a intencionalidade das acções e ter adquirido algumas competências nestes domínios.

Fundamentalmente, é conveniente considerar que:

- *a Educação para a Sexualidade nas escolas não se justifica apenas porque os alunos referem que os seus pais ou encarregados de educação não lhes falam sobre esse tema: esses conteúdos também são de âmbito escolar;*
- *não há competição entre o papel que a escola desempenha ou pretende desempenhar e o da família, já que dificilmente o substituí integralmente;*
- *porque a Educação para a Sexualidade faz parte da missão do sistema educativo, a articulação escola-família neste domínio não visa obter autorização para realizar acções concretas mas sim fomentar e efectivar essa articulação através do envolvimento directo e/ou indirecto dos pais e encarregados de educação,*
- *ao contrário de outras matérias, a sexualidade (e, logo, a Educação para a Sexualidade) suscita opiniões, saberes e posicionamentos intelectuais e éticos divergentes que convém colocar em confronto, valorizando a sua expressão e assumindo uma atitude de escuta activa, visando, sempre que possível, o consenso.*

## 5. OBJECTIVOS

Numa perspectiva global pretende-se no 2º e 3º ciclos que os alunos:

**a) <u>Aumentem e consolidem os conhecimentos acerca:</u>**

- das dimensões anátomo-fisiológica, psico-afectiva e sociocultural da expressão da sexualidade;
- do corpo sexuado e dos seus órgãos internos e externos;
- das regras de higiene corporal;
- da diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida e das diferenças individuais;
- dos mecanismos da reprodução;
- do planeamento familiar e, em particular, dos métodos contraceptivos;
- das infecções de transmissão sexual, formas de prevenção e tratamento;
- dos mecanismos da resposta sexual humana;
- das ideias e valores com que as diversas sociedades foram encarando e encaram a sexualidade, o amor, a reprodução e a relação entre os sexos;
- dos recursos existentes para a resolução de situações relacionadas com a saúde sexual e reprodutiva;
- dos tipos de abuso sexual e das estratégias dos agressores,

**b) <u>Desenvolvam atitudes:</u>**

- de aceitação das mudanças fisiológicas e emocionais próprias da sua idade;
- de aceitação da diversidade dos comportamentos sexuais ao longo da vida;
- de reflexão e de crítica face aos papéis estereotipados atribuídos socialmente a homens e mulheres;
- de reconhecimento da importância dos sentimentos e da afectividade na vivência da sexualidade;
- de aceitação dos diferentes comportamentos e orientações sexuais;

• de prevenção face a riscos para a saúde, nomeadamente na esfera sexual e reprodutiva;

• de aceitação do direito de cada pessoa decidir sobre o seu próprio corpo.

**c) <u>Desenvolvam competências para:</u>**

• expressar sentimentos e opiniões;

• tornar decisões e aceitar as decisões dos outros;

• comunicar acerca do tema da sexualidade;

• aceitar os tipos de sentimentos que podem estar presentes nas diferentes relações entre as pessoas, incluindo os do âmbito da sexualidade;

• adoptar comportamentos informados em matérias como a contracepção e a prevenção das ITS;

• adequar as várias formas de contacto físico aos diferentes contextos de sociabilidade;

• reconhecer situações de abuso sexual, identificar soluções e procurar ajuda;

• identificar e saber aplicar respostas adequadas em situações de injustiça, abuso e perigo e saber procurar apoio, quando necessário.

## 6. COMPETÊNCIAS GERAIS

Estes objectivos de Educação Sexual são consentâneos com os perfis de competências gerais a desenvolver, preconizados para o Ensino Básico, que transcrevemos:

1. Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;

2. Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;

3. Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;

4. Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;

5. Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;

6. Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;

7. Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada, de decisões;

8. Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa;

9. Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns;

10. Relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida.

## 7. CONTEÚDOS

Definidas as competências e os objectivos a atingir interessa, agora, definir os conteúdos a tratar. Segundo Júlio Machado Vaz (U.A. – 1996) podemos dividir estes conteúdos em **quatro grandes áreas**:

**1 - Corpo em crescimento**

**2 - Expressões da sexualidade**

**3 - Relações interpessoais**

**4 - Saúde sexual e reprodutiva**

Cada uma destas áreas terá objectivos diferentes em cada um dos ciclos e em cada uma das fases de desenvolvimento.

**Educação Sexual no 1º e 2 º Ciclos (7-12 anos)**

**Introdução – Noção de Sexualidade**

**1. CORPO EM CRESCIMENTO**

**Anatomia sexual**

• Diferenças anatómicas importantes entre rapaz e rapariga, homem e mulher, criança e adulto;

• Partes fundamentais dos órgãos sexuais internos e externos do homem e da mulher.

**Mudanças na puberdade**

• Mudanças anatómicas mais importantes da puberdade;

• Ciclo menstrual, ejaculação e resposta sexual humana (simples).

**Identidade sexual e papel de género**

• Aceitação das partes do corpo e da figura corporal;

• Constância da identidade sexual e sua aceitação positiva;

• Diferença entre identidade sexual e papeis de género;

• Reconhecimento e aquisição de papeis de género flexíveis e não discriminatório;

• Reconhecimento de aspectos da discriminação social em função do papel de género;

• Igualdade entre os sexos.

**2. EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE**

**Comportamentos sexuais**

• Reconhecimento de diferentes comportamentos sexuais;

• Reconhecimento da importância do respeito pelo outro e da privacidade;

• Reconhecimento do valor da associação entre afecto, compromisso e sexualidade;

**Linguagem**

• Conhecimento e uso de diversos termos técnicos ligados à sexualidade;

• Conhecimento da linguagem vulgar sobre sexualidade, distinguindo os de valor positivo e negativo;

**3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS**

- Relações na família
- Actividades domésticas
- Os amigos
- Abusos sexuais

. **4. SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA**

- Cuidados higiénicos do corpo
- Contracepção
- Fecundação, gravidez e parto

**Educação Sexual no 3ºCiclo (12-16anos)**

**Introdução – noção de sexualidade**

**1. CORPO EM CRESCIMENTO**

Fisiologia da reprodução e da resposta sexual humana;

Mudanças na puberdade;

Figura corporal.

## 2. EXPRESSÕES DA SEXUALIDADE

Conceito de sexualidade;

Orientação sexual;

Desejo, atracção, enamoramento, compromisso;

Comportamentos sexuais.

## 3. RELAÇÕES INTERPESSOAIS

Identidade sexual e papel de género;

Relação com a família relação com pares;

Aspectos históricos, sociais e culturais relacionados com sexualidade.

## 4. SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA

Reprodução;

Contracepção e aborto;

Gravidez não desejada;

Doenças de transmissão sexual;

Violência e sexualidade.

## 8. Metodologia e estratégias

A metodologia adoptada deve ter em conta a identificação de necessidades, já que em cada escola existe uma realidade sóciocultural diferente, o que se reflecte numa multiplicidade de padrões cognitivos, atitudinais e comportamentais por parte dos alunos.

Poderá partir-se de uma caracterização dos alunos ou das turmas, em termos socioculturais, de modo a ser possível detectar problemas ou deficiências, aos quais é preciso atender prioritariamente; tal constitui, normalmente, tarefa do Director de Turma, elemento essencial nesta primeira fase.

As conversas informais com adultos da confiança dos alunos são um meio eficaz de identificação de necessidades.

A perspectiva curricular, preferencialmente com um carácter interdisciplinar, demonstra grande adequação e aplicabilidade, tendo em conta a possibilidade de tratamento de temas de Educação para a Sexualidade ao nível dos currículos e ao longo de todo o processo de escolaridade.

As actividades extracurriculares são ainda um campo a explorar, já que constituem sempre momentos para os quais podem contribuir os vários elementos da Comunidade Educativa. É o caso da comemoração dos “Dias Mundiais”: Dia Mundial da SIDA, Dia Mundial da Mulher, etc. (ver ANEXO IV).

As metodologias participativas expressam-se na utilização de um conjunto muito vasto de técnicas. Não sendo o objectivo descrevê-las exaustivamente, parece importante abordar algumas das mais frequentemente utilizadas.

### a) Trabalho de pesquisa

O trabalho de pesquisa é um estímulo interessante para as actividades académicas, ajudando a clarificar ideias e levando o sujeito a interrogar-se.

A pesquisa de informação pode ser feita com base em inúmeras e diversificadas fontes: livros, revistas, jornais, via Internet, etc., podendo recorrer-se também a entrevistas, trabalho de campo, arquivos, bancas de dados e visitas de estudo.

Deve ter-se em conta dois aspectos principais:

1 - Escolha de plano de trabalho e definição das informações necessárias;

2 - Reorganização das informações e apresentação finais, sob a forma de um texto escrito, um painel ou uma apresentação oral.

Estes trabalhos podem constituir óptimos momentos de reflexão e divulgação de informação a toda a comunidade educativa.

Em termos de organização pode ser realizado em pequenos grupos ou fruto do trabalho individual, sendo a primeira modalidade mais adequada à metodologia proposta ao pretender colocar em interacção diferentes sujeitos.

### b) Brainstorming ou «Tempestade de ideias»

Consiste em listar, sem a preocupação de discutir num primeiro momento, todas as sugestões que o grupo ou a turma fazem sobre determinada questão ou problema. A lista deve ser constituída por palavras ou frases simples.

Não é aconselhável a sua discussão antes da lista estar completa. Deste modo, é possível recolher uma grande participação e uma vasta gama de contribuições, não as limitando desde o início com valores ou opiniões contrárias.

### c) Resolução de problemas.

Mediante a utilização de histórias e/ou casos inventados ou reais, incentiva-se a discussão para a resolução de problemas comuns com os quais os sujeitos podem vir a ser confrontados.

Os jornais, as revistas ou as histórias populares podem ser utilizados de formas diferentes:

- pode ser utilizada uma história sem final e, nesse caso, pedir-se-á aos grupos ou à turma que criem um ou vários finais possíveis;
- pode ser utilizada uma história pedindo aos participantes para atribuírem diferentes valores às várias personagens;
- pode-se pedir ao(s) grupo(s) que identifique(m) uma ou várias soluções para cada caso.

Em qualquer dos casos, as histórias não devem ser muito longas nem excessivamente complexas.

### d) Jogos de clarificação de valores.

Consiste em promover o debate entre posições diferentes (podendo ou não chegar-se a consenso), através da utilização de pequenas frases que sejam opinativas e polémicas.

Pode-se pedir a um dos participantes para assumir a defesa da opinião expressa na frase, a um segundo para a atacar (ainda que essas não sejam as suas posições na realidade) e a um terceiro ainda que observe o debate, para depois o descrever ao grande grupo.

Podem utilizar-se escalas do tipo «concordo totalmente», «concordo em parte» «é-me indiferente» «discordo em parte» e «discordo totalmente», fazendo mover as pessoas na sala para cada uma das posições (que são afixadas nas paredes), ou utilizando as opiniões individuais para o debate em pequenos grupos e, numa fase posterior, em grande grupo.

### e) Utilização de questionários.

Em geral, os questionários são utilizados para recolher conhecimentos e opiniões existentes. No entanto, também podem ser utilizados para transmitir (e não apenas para avaliar) conhecimentos.

Preenchidos os questionários, individualmente ou em grupo, pode-se depois responder às perguntas em grande grupo.

### f) *Role play* ou dramatização.

Consiste na simulação de pequenos casos ou histórias em que intervêm o número de personagens que se quiser. Não devem ser longas (cerca de 10 minutos) e devem ser complementadas com debate em pequeno ou em grande grupo. É uma forma particularmente dinâmica de analisar uma situação ou provocar um debate.

O *role play* pode ser eficazmente aproveitado no treino de determinadas situações, tais como saber escutar o outro, saber olhar directamente o parceiro ou parceira, saber dizer sim ou não, saber expressar um cumprimento ou uma carícia.

### g) Visita externa.

Pode aproveitar-se de forma bastante mais eficaz a visita de alguém especialista num determinado assunto se houver uma apresentação anterior à visita e uma preparação das perguntas e questões que a turma desejaria colocar.

A visita pode, também, ser complementada com um trabalho em sub-grupos, em que são pedidas opiniões, sínteses ou dúvidas que tenham ficado após a visita.

### h) Produção de cartazes.

É uma forma de organizar a informação recolhida (textos, fotografia, gráficos, esquemas, etc.). Pode ser apresentada ao grande grupo, ou pode ser uma forma de fomentar a discussão à volta de um tema.

Nesse caso pede-se com antecedência aos participantes que tragam revistas e jornais relacionados com um dado tema que se vai debater. As colagens podem ser feitas em sub-grupos ou colectivamente. Cada grupo (se for esse o caso) apresenta os seus trabalhos que são depois debatidos em grande grupo.

### i) Caixa de perguntas.

Consiste na recolha prévia e anónima de perguntas sobre temas de interesse da turma ou de levantamento de necessidades. Pede-se a cada sujeito que formule duas ou três perguntas por escrito, numa folha de papel que posteriormente é dobrada em quatro e colocada numa caixa (tipo urna de voto).

### j) Fichas.

Facilitam o desenvolvimento dos trabalhos, e devem ser construídas de acordo com os objectivos a alcançar:

- recolha de informação;
- exploração de informação;
- síntese de informação;
- avaliação.

Têm ainda a vantagem de serem um óptimo recurso, quando o tempo para a actividade é curto.

### l) Exploração de vídeos e outros meios audiovisuais

Estes materiais podem ser um auxiliar muito importante para o desenvolvimento das actividades, no entanto, muitas vezes, confunde-se a utilização do instrumento com a própria realização da actividade.

Assim, aconselha-se que sejam diferenciados os momentos «antes da projecção» e «após projecção»:

- Antes da projecção - Deve haver recolha de perguntas e assuntos que a turma ou grupo deseja ver tratados de forma a ajustar às necessidades do grupo.
- Após a projecção - É importante identificar as partes do vídeo que apresentem mais interesse, os conhecimentos que ficaram e as dúvidas que surgiram.

A construção de guiões de utilização pode ser uma forma de ajustar o material às necessidades do grupo.

## 9. BIBLIOGRAFIA

A.P.F., c/ apoio Ministério da Educação, *Educação Sexual e Desafios,* Lisboa, 2002.

BRANCO, Fernanda, SOUSA, António, *Educação Sexual nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e Secundário,* Acção de Formação nº 12, 2002.

FRADE, Alice, MARQUES, António M., ALVERCA, Célia, VILAR, Duarte, *Guia para professores, formadores e educadores*, Lisboa, Colecção Educação Hoje, Texto Editora, 2001.

GONÇALVES, Graça, *Partilha de Bem-Querer* (Colecção), Gostar Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, MINISTÉRIO DA SAÚDE, A.P.F., *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*, Lisboa, 2000.

SANDERS, Pete, SWINDEN, Liz, *Para me conhecer, Para te conhecer – Estratégias de Educação Sexual para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico,* A.P.F., Lisboa, 1995.

VIEIRA, Cândida, Quarenta Actividades para a Formação Física – Guia de recursos para o Director de Turma, Edições ASA.

# ANEXO I

## LEGISLAÇÃO E DECLARAÇÕES OFICIAIS SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS

### 1. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA (1976/82/89)

ARTIGO 67º

**(Família)**

**1.** A família, como elemento fundamental da sociedade, tem direito à protecção da sociedade e do Estado e à efectivação de todas as condições que permitem a realização pessoal dos seus membros.

**2.** Incumbe, designadamente, ao Estado para protecção da família:

a) Promover a independência social e económica dos agregados familiares;

b) Promover a criação de uma rede nacional de assistência materno-infantil, de uma rede nacional de creches e de infra-estruturas de apoio à família, bem como uma política de terceira idade;

c) Cooperar com os pais na educação dos filhos;

d) Promover, pelos meios necessários, a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de uma paternidade consciente;

e) Regular os impostos e os benefícios sociais, de harmonia com os encargos familiares;

f) Definir, ouvidas as associações representativas das famílias, e executar uma política de família com carácter global e integrado.

### 2. LEI N.º 3184 (24 DE MARÇO DE 1984) (extractos)

**Educação sexual e planeamento familiar**

A Assembleia da República decreta, nos termos dos artigos 164º, alínea d), e 169º, n.º 2, da Constituição, o seguinte:

ARTIGO 1º

**(Direito à educação sexual e de acesso ao planeamento familiar)**

**1 -** O Estado garante o direito à educação sexual, como componente do direito fundamental à educação.

**2 -** Incumbe ao Estado, para protecção da família, promover, pelos meios necessários, a divulgação dos métodos de planeamento familiar e organizar as estruturas jurídicas e técnicas que permitam o exercício de urna maternidade e paternidade conscientes.

ARTIGO 2º

**(Educação sexual dos jovens)**

**1 -** O dever fundamental de proteger a família e o desempenho da incumbência de cooperar com os pais na educação dos filhos cometem ao Estado a garantia da educação sexual dos jovens através da escola, das organizações sanitárias e dos meios de comunicação social.

**2 -** Os programas escolares incluirão, de acordo com os diferentes níveis de ensino, conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humanas, devendo contribuir para a superação das discriminações em razão do sexo e da divisão tradicional de funções entre mulher e homem.

**3 -** Será dispensada particular atenção à formação inicial e permanente dos docentes, por forma a dotá-los do conhecimento e da compreensão da problemática da educação sexual, em particular no que diz respeito aos jovens.

**4 -** Serão criadas também condições adequadas de apoio aos pais no que diz respeito à educação sexual dos seus filhos.

## 3. PORTARIA 52/85 (26 JANEIRO 1985) (extractos)

ARTIGO 3º

**(Centros de atendimento para jovens)**

São criados centros de atendimento para jovens nos centros de saúde e hospitais a implantar inicialmente a nível regional e progressivamente nas restante estruturas de saúde, na medida em que a preparação dos profissionais necessários ao seu funcionamento o permita.

ARTIGO 4º

**(Atribuição dos centros de atendimento para jovens)**

Nos centros de atendimento para jovens serão desenvolvidas as seguintes actividades:

a) Prestação de informações sobre a anatomia e fisiologia da reprodução;

b) Informação sexual;

c) Preparação dos jovens para uma vivência correcta da sua sexualidade;

d) Fornecimento de contraceptivos em situações de risco.

ARTIGO 5º

**(Acesso)**

**1 -** É assegurado a todos os indivíduos e casais, sem qualquer discriminação, o livre acesso às consultas e outros meios de planeamento familiar.

**2 -** Terão acesso, sem quaisquer restrições, aos centros de atendimentos para jovens e, no caso de estes ainda não existirem, às consultas de planeamento familiar, todos os jovens em idade fértil.

## 4. LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO (14 OUTUBRO 1986) (extractos)

CAPÍTULO VII

**Desenvolvimento e avaliação do sistema educativo**

ARTIGO 47º

**(Desenvolvimento curricular)**

**1 -** A organização curricular da educação escolar terá em conta a promoção de uma equilibrada harmonia, nos planos horizontal e vertical, entre os níveis de desenvolvimento físico e motor, cognitivo, afectivo, estético, social e moral dos alunos.

**2 -** Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os cicios e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito.

**3 -** Será dispensada particular atenção à formação inicial e permanente dos docentes, por forma a dotá-los do conhecimento e da compreensão da problemática da educação sexual, em particular no que diz respeito aos jovens.

**4 -** Serão criadas também condições adequadas de apoio aos pais no que diz respeito à educação sexual dos seus filhos.

## 5. LEI n.º 120/99 - REFORÇA AS GARANTIAS DO DIREITO À SAÚDE REPRODUTIVA

**1 -** Nos estabelecimentos de ensino básico e secundário será implementado um programa para a promoção da saúde e da sexualidade humana, no qual será proporcionada adequada informação sobre a sexualidade humana, o aparelho reprodutivo e a fisiologia da reprodução, sida e outras doenças sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e o planeamento da família, as relações interpessoais, a partilha de responsabilidades e a igualdade entre os géneros.

**2 -** Os conteúdos referidos no número anterior serão incluídos de forma harmoniosa nas diferentes disciplinas vocacionadas para a abordagem interdisciplinar desta matéria, no sentido de promover condições para uma melhor saúde, particularmente pelo desenvolvimento de uma atitude individual responsável quanto à sexualidade e uma futura maternidade e paternidade consciente.

**3 -** A educação para a saúde sexual e reprodutiva deverá adequar-se aos diferentes níveis etários, consideradas as suas especificidades biológicas, psicológicas e sociais, e envolvendo os agentes educativos,

**4 -** Na aplicação do estipulado nos números anteriores deverá existir uma respectiva área e os seus profissionais, bem como com as associações de estudantes e com as associações de pais e encarregados de educação.

**5 -** Nos planos de formação de docentes, nomeadamente os aprovados pelos centros de formação de associações de escolas dos ensinos básico e secundário, deverão constar acções específicas sobre educação sexual e reprodutiva.

## 6. DECRETO-LEI N.º 259/2000 DE 17 DE Outubro

CAPÍTULO 1

**Promoção da educação sexual**

ARTIGO 1º

**(Promoção da educação sexual em meio escolar)**

**1 -** A organização curricular dos ensinos básico e secundário contempla obrigatoriamente a abordagem dá promoção da saúde sexual da sexualidade humana, quer numa perspectiva interdisciplinar, quer integrada em disciplinas curriculares cujos programas incluem a temática.

**2 -** O projecto educativo de cada escola, a elaborar nos termos do artigo 3º do regime de autonomia, administração e gestão das escolas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 115-A/98, de 4 de Maio, deve integrar estratégias de promoção da saúde sexual, tanto no desenvolvimento do currículo, como na organização de actividades de enriquecimento curricular, favorecendo a articulação escola-familia, fomentar a participação da comunidade escolar e dinamizar parcerias com entidades externas à escola, nomeadamente com o centro de saúde da respectiva área, de acordo com o disposto no n.º 4 do artigo 2º da lei n.º 120/99, de 1 de Agosto.

**3 -** O plano de trabalho de turma, a elaborar nos termos do artigo 36º do regime de autonomia administração e gestão das escolas referido no número anterior, deve ser harmonizado com os objectivos do projecto educativo de escola e compreender uma abordagem interdisciplinar da promoção da saúde sexual, por forma a garantir uma intervenção educativa integrada.

ARTIGO 5º

**(Formação de docentes)**

Para efeitos do disposto no n.º 5 do artigo 2º da Lei n.º 120/99, de 11 de Agosto, os serviços competentes do Ministério da Educação devem integrar nas suas prioridades a concessão de apoios à realização de acções de formação contínua de professores no domínio da promoção da saúde e da educação sexual.

## 7. EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR - LINHAS ORIENTADORAS

- Ministério da educação - Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde. - Ministério da Saúde - Direcção Geral da Saúde , Associação para o Planeamento da Família - Centro de Apoio Nacional à RNEPS

Este documento, subscrito pelas entidades acima referidas, constitui o primeiro documento que explicita as intenções e orientações governamentais sobre a questão da educação sexual nas escolas.

A sua dimensão e riqueza levam-nos a apresentá-lo mas a não referir quaisquer extractos do mesmo que seriam sempre incompletos e descontextualizados.

O documento pode ser obtido junto da Comissão de Coordenação da Promoção e Educação para a Saúde.

# ANEXO II

## RECURSOS DISPONÍVEIS NA ESCOLA

### Livros

### Lista de Assuntos (Livros)

EB 2/3 Francisco Ornelas da Câmara

| Nº | Assunto | Autoria | Título | Editor |
|---|---|---|---|---|
| 5063 | Infecções viróticas. Sida | PESTANA, Catalina, coord. | O VIH / SIDA na comunidade escolar | Programa de PES e |
| 5065 | Infecções viróticas. Sida | | O VIH / SIDA na comunidade escolar : aprender a prevenir | Programa de PES e |
| 4610 | Infecções viróticas. Sida | | O VIH / SIDA na comunidade escolar : aprender a prevenir | Programa de PES e |
| 5064 | Infecções viróticas. Sida | | O VIH / SIDA na comunidade escolar : aprender a prevenir : | Programa de PES e |
| 2580 | Infecções viróticas. Sida | Comissão Regional da Luta contra a SIDA | Os jovens e a sida | |
| 2581 | Infecções viróticas. Sida | Comissão Regional da Luta contra a SIDA | Os jovens e a sida | |
| 3759 | Infecções viróticas. Sida | PARDAL, Maria Manuela Santos | Perguntas e respostas sobre a SIDA | Comissão Nacional de |
| 3530 | Infecções viróticas. Sida | Comissão Nacional da Luta contra a SIDA | SIDAdania | Museu da Ciência |
| 3251 | Infecções viróticas. Sida | Comissão Nacional da Luta contra a SIDA | SIDAdania | Museu da Ciência |
| 4614 | Infecções viróticas. Sida | DIAS, Alfredo Gomes | VIH / SIDA na comunidade escolar : educar pára prevenir | Programa de PES CNLS |
| 5062 | Infecções viróticas. Sida (manual) | PESTANA, Catalina, coord. | O VIH / SIDA na comunidade escolar : educar para prevenir | Programa de PES e |
| 4604 | Infecções viróticas. Sida (manual) | PESTANA, Catalina, coord. | O VIH / SIDA na comunidade escolar : educar para prevenir | Programa de PES e |
| 6314 | Literatura Portuguesa . Infanto-juvenil | MAGALHÃES, Ana Maria; ALÇADA, Isabel | Uma Aventura Secreta | Caminho |
| 3636 | Infecções viróticas. Sida | ENGELMAJER, Lucien J. | Drogas e SIDA : realidades, sintomatologia e reflexões | [Le Patriarche] |
| 6321 | Infecções viróticas. Sida | FORD, Michael Thomas | Guia prático contra a Sida | Terramar |
| 4609 | Infecções viróticas. Sida | QUINTANA, Manuel Amigo ...[et al.] | O VIH / SIDA : aprende a prevenir-te | Programa de PES e |
| 2598 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | CORREIA, Carlos | Os amores de Pedro e de Joana | Associação para o |
| 2267 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MIGUEL, Nuno Silva | Os jovens e a sexualidade | Comissão da Condição |
| 2266 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MIGUEL, Nuno Silva | Os jovens e a sexualidade | Comissão da Condição |
| 5209 | Higiene. Saúde e higiene pessoal | RUSSEL, Nancy | Manual de educação para a saúde [ fotocopiado] | Direcção Geral de Saúde |
| 4150 | Infecções viróticas. Sida | PARDAL, Maria Manuela Santos | As mulheres e o virús da Sida | Presidência do Conselho de |
| 4417 | Infecções viróticas. Sida | PARDAL, Maria Manuela Santos | As mulheres e o virús da Sida | Presidência do Conselho de |
| 2260 | Infecções viróticas. Sida | ENGELMAJER, Lucien J. | Drogas e SIDA : realidades, sintomatologia e reflexões | [Le Patriarche] |

# Lista de Assuntos (Livros)

EB 2/3 Francisco Ornelas da Câmara

| Nº | Assunto | Autoria | Título | Editor |
|---|---|---|---|---|
| 5316 | Infecções Viróticas. Sida | | Sida : dossier pedagógico para utilização dos professores | Instituto dos Assuntos |
| 3252 | Infecções Viróticas. Sida | | Sida : dossier pedagógico para utilização dos professores | Instituto dos Assuntos |
| 6315 | Sida e outras doenças sexuais | RUBIN, Dr. Maurice | Sida e outras Doenças de Transmissão Sexual | Livros doBrasil |
| 0583 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MONCHAUX, Marie-Claude | A verdade sobre os bébés | Paulistas |
| 1341 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MONCHAUX, Marie-Claude | Bébé ano zero | Paulistas |
| 4623 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | USLANDER, Arlene S.; WEISS, Caroline | Como responder às perguntas sobre sexo : programas para | Plátano |
| 5911 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MOITA, Maria Gabriela; SANTOS, Milice Ribeiro dos | Contracepção de emergência : orientações técnicas | Associação para o |
| 4183 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MANTEGAZZA, Giovanna | Dentro da barriga | Asa |
| 2419 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | DIAZ, António Vanrell | Educação sexual | Salvat |
| 6078 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | PEREIRA, Maria Manuela; FREITAS, Filomena | Educação sexual : contextos de sexualidade e adolescência | Asa |
| 6115 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MARQUES, António Manuel, coord. | Educação sexual em meio escolar : linhas orientadoras | Ministério da Saúde |
| 6346 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MARQUES, António Manuel, coord. | Educação sexual em meio escolar : linhas orientadoras | Ministério da Saúde |
| 5646 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | VAZ, Júlio Machado | Educação sexual na escola | Universidade Aberta |
| 5689 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | FRADE, Alice ...[et al.] | Educação sexual na escola : guia para professores, | Texto |
| 6114 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MOITA, Maria Gabriela; SANTOS, Milice Ribeiro dos | Falemos de sexualidade | Associação para o |
| 5910 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MOITA, Maria Gabriela; SANTOS, Milice Ribeiro dos | Falemos de sexualidade | Associação para o |
| 5919 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MOITA, Maria Gabriela; SANTOS, Milice Ribeiro dos | Falemos de sexualidade | Associação para o |
| 4157 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | THOMSON, Ruth | Já te apareceu o período? | Bertrand |
| 3239 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | GIOMMI, Roberta | Masculino, feminino : estou a crescer - eu e os outros - como | Caminho |
| 3612 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | SABBAGH, Karl | O corpo humano | Anagrama |
| 3012 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | SABBAGH, Karl | O corpo humano | Anagrama |
| 2280,01 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LOURTET, Lys Caballero | O livro do casal | Sagitário |
| 2280,02 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LOURTET, Lys Caballero | O livro do casal | Sagitário |
| 2280,03 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LOURTET, Lys Caballero | O livro do casal | Sagitário |
| 2280,04 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LOURTET, Lys Caballero | O livro do casal | Sagitário |
| 2280,05 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LOURTET, Lys Caballero | O livro do casal | Sagitário |
| 5562 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | NAIK, Anita | O meu corpo e eu | Gradiva Júnior |

## Lista de Assuntos (Livros)

EB 2/3 Francisco Ornelas da Câmara

| Nº | Assunto | Autoria | Título | Editor |
|---|---|---|---|---|
| 2279 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MIGUEL, Nuno Silva | Os jovens e a sexualidade | Comissão da Condição |
| 2278 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | MIGUEL, Nuno Silva | Os jovens e a sexualidade | Comissão da Condição |
| 6275 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | SANDERS, Pete; SUINDEN, Liz | Para me conhecer. Para te conhecer... | Associação para o |
| 6235 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Divisão de Formação e Inovação | Pequeno dicionário da sexualidade | Direcção Regional da |
| 2425 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | NEVES, J. A. da Cruz | Quando o instinto desperta | União Gráfica |
| 6041 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | GRAVELLE, Karen ...[et al.] | Que se passa aí em baixo? | Gradiva |
| 5909 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Associação para o Planeamento da Família | Questões sobre a gravidez | Associação para o |
| 5644 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | LAMAS, Dulce | Raparigas | Associação para o |
| 6430 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Associação para o Planeamento da Família | Raparigas | Associação para o |
| 6347 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Associação para o Planeamento da Família | Rapazes | Associação para o |
| 6428 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Associação para o Planeamento da Família | Rapazes | Associação para o |
| 6429 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Associação para o Planeamento da Família | Rapazes | Associação para o |
| 4158 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | NAIK, Anita | Será amor? | Gradiva |
| 5685 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | NAIK, Anita | Sexo : tudo o que precisas de saber... | Gradiva Júnior |
| 5239 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Comissão de Igualdade dos Direitos da Mulher | Sexualidade e planeamento familiar | Presidência do Conselho de |
| 5261 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Comissão de Igualdade dos Direitos da Mulher | Sexualidade e planeamento familiar | Presidência do Conselho de |
| 4422 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | Comissão de Igualdade dos Direitos da Mulher | Sexualidade e planeamento familiar | Presidência do Conselho de |
| 5476 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | GONÇALVES, Graça | Tchim e o nascimento Pim! | Gostar |
| 3921 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | NAIK, Anita | Tudo o que sempre quiseste saber sobre o período...mas | Gradiva |
| 6123 | Educação e vida sexual. Higiene sexual. Controlo de nascimento. Planeamento | HARRIS, Robie H. | Vamos falar de sexo : crescimento, corpos em | Terramar |

## Videogramas

* **Ah, então é assim? Um Vídeo de Educação Sexual**, para M/6 anos, produzido por Film FORSYNINGEN para o Centro Nacional de Cinematografia, A.P.F., Lisboa. (acompanhado por um Folheto de Apoio com propostas de actividades).

* **Histórias da Vida** (problemas de gravidez), para o 3º Ciclo, nomeadamente o 9º Ano (acompanhado por um Folheto com esclarecimentos e propostas de actividades).

* **Falando da SIDA**, para M/12 anos, Comissão Nacional da Luta contra a SIDA, Ministério da Educação, Ministério da Saúde, Edição Atlantis, 1995.

# ANEXO III

## CONTACTOS E APOIOS INSTITUCIONAIS

**APF - *ASSOCIAÇÃO PARA O PLANEAMENTO DA FAMÍLIA***

**Sede Nacinal**

Rua Artilharia Um, 38 - 2.1 Dto, 1250-040 LISBOA Telef: 213 853 993 Fax: 213 887 379 http://www.apf.pt

**Delegações Regionais da APF**

- **Delegação Regional do Alentejo**

Largo Luís de Camões, 14 7000 - 507 ÉVORA Telef: 266 746 855
apfalentejo@mail.telepac.pt

- **Delegação Regional do Algarve**

Edifício Ninho de Empresas, Estrada da Penha, 8000-273 FARO, Telef: 289 880 570

- **Delegação Regional dos Açores**

Centro Comercial da Sé, Loja **J** Carreira dos Cavalos, 9700-167 A. DO HEROÍSMO, Tef: 295 62 87 85

- **Delegação Regional de Coimbra**

Av. Emídio Navarro, 11 - 2Q, Sala D, 3000-150 COIMBRA, Telef: 239 82 58 50

- **Delegação Regional de Lisboa**

Rua de S. Filipe Nery, 40 - r/e Esq. 1250- 227 LISBOA, Telef: 21 383 23 92
apfiisboagmail.telepac.pt

- **Delegação Regional do Porto**

Rua Arnaldo Gama, 64, 4000 - 094 PORTO, apfporto@mail.telepac.pt

- Produz e distribui diversos materiais pedagógicos - folhetos, vídeos, livros - sobre saúde sexual e reprodutiva e educação sexual, dirigidos a crianças e jovens de várias faixas etárias, bem como a profissionais;
- Promove actividades de formação em educação sexual dirimidas a professores e a outros profissionais de saúde e intervenção social;
- Disponibiliza apoio documental e técnico para profissionais e instituições que pretendam desenvolver projectos de Educação Sexual;
- Presta assessoria técnica e pedagógica ao desenvolvimento de actividades e projectos de Educação Sexual de iniciativa de escolas, centros de formação de professores e centros de saúde;

- Realiza actividades de em educação sexual dirimidas quer a jovens quer a pais o educadores;
- Assegura atendimento e aconselhamento de jovens e profissionais quer através das suas Delegações Regionais quer através do Centro de Documentação e Informação.

**Centro de Documentação e Informação:** Rua S. Filipe Nery, 40 - r/e Dto, 1250-227 LISBOA, Telef: 213 872 991 Fax: 213 872 995 apfportugal@mail.telepac.pt

**OUTROS CONTACTOS ÚTEIS**

**Abraço**

Travessa do Noronha, 5 - 3QDto 1250-169 LISBOA, Telef-.213 974 298

**CCPES - Comissão Coordenadora de Promoção para a Saúde**

Av. Infante Santo, 2 - 6ç 1350 - 178 LISBOA, Telef. 213 912 200, Fax: 213 912 238

**CIDM - Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres**

Av. da República, 32 - 1Q 1050 -193 LISBOA, Telef-. 217 983 000, Fax: 217 983 098

Rua Ferreira Borges, 69 - 22 Centro 4050-253 PORTO

Telef: 222 074 370, Fax: 222 074 398

**Secção das Organizações Não Governamentais do** CC **da CIDIV**

Av. da República, 32 - 12 1050 -193 LISBOA Telef/Fax: 217 950 183 Telef: 217 937 671 ong.dm@mail.telepac.pt

**CNLCS - Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA**

Palácio Bensaúde Estrada da Luz, 153 1600-153 LISBOA

Telef: 21 722 OS 20 Fax: 21 722 08 22

**DGS - Direcção Geral de Saúde**

Alameda Afonso Henriques, 45 1049-005 LISBOA Telef: 21 843 OS 00 Fax: 21 843 50 30

**ILGA Portugal - International Lesbian and Gay Association**

Rua de S. Lázaro, 88 1150 LISBOA Telef: 21 8873918

**IPJ - Instituto Português da juventude**

Av. da Liberdade 194, 1269 - 051 LISBOA 21 317 92 00 Telf: 21 317 92 00

**Instituto Português da Droga e da Toxicodependência**

Av. João Crisóstomo, 14 1000-179 LISBOA Telef: 21 310 41 67

**Liga Portuguesa Contra a SIDA**

Rua do Crucifixo, 4 - 29 1100-183 LISBOA Telef:21 322 55 75

**S.O.S. VÍTIMA**

Av. Álvaro Martins Homem, 12, 9700-017 Angra do Heroísmo

Tel.: 295 217 860; Fax: 295 217 837; Cor. Elect.: sosvitima@iol.pt

# ANEXO IV

## DIAS MUNDIAIS

| | |
|---|---|
| 3 DE OUTUBRO | – DIA DA INFÂNCIA |
| 17 DE OUTUBRO | – DIA MUNDIAL CONTRA A POBREZA E A EXCLUSÃO SOCIAL |
| 1 DE DEZEMBRO | – DIA MUNDIAL DA SIDA |
| 9 DE DEZEMBRO | – DIA MUNDIAL DO DEFICIENTE |
| 10 DE DEZEMBRO | – DIA MUNDIAL DOS DIREITOS DO HOMEM |
| 23 DE JANEIRO | – DIA MUNDIAL DA LIBERDADE |
| 14 DE FEVEREIRO | – DIA DOS NAMORADOS |
| 22 DE FEVEREIRO | – DIA EUROPEU DA VÍTIMA |
| 8 DE MARÇO | – DIA INTERNACIONAL DA MULHER |
| 19 DE MARÇO | – DIA DO PAI |
| 21 DE MARÇO | – DIA INTERNACIONAL PARA A ELIMINAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL |
| 29 De MARÇO | – DIA MUNDIAL DA JUVENTUDE |
| 7 DE ABRIL | – DIA MUNDIAL DA SAÚDE |
| 1º DOMINGO DE MAIO | – DIA DA MÃE |
| 15 DE MAIO | – DIA INTERNACIONAL DA FAMÍLIA |
| 31 DE MAIO | – DIA MUNDIAL SEM TABACO |
| 1 DE JUNHO | – DIA MUNDIAL DA CRIANÇA |
| 26 DE JUNHO | – DIA INTERNACIONAL CONTRA A DROGA |